

E que poderosa arma defensiva para os varios Stolipines slavos quando acusados de reaccionarios autocratas, visto que deles dependeu, em parte, a estabilidade da democracia portuguesa!

E que honra!

Profano

Antonio Fonseca cronista da *Montanha* na capital, todo se lamentava um destes dias nas *Impressões de Lisboa*, porque o programa da orquestra Blanck não valeria o sacrificio duma viagem do sul ao norte por uma audição. Depois, em paragon, perde-se em divagações, tendo nos antes falado da *Tretologia Wagneriana*, executada pela orquestra de Munich, sob a regencia de Joseph Lassalle, com Strauss e Beethoven á mistura.

Fonseca, é porém, um profano, não quanto á musica, mas sim quanto a uma campanha de odio á musica alemã, em que se esforçava o cidadão francês Camilo Saint-Saens ajudado pelo gapeo português, que de Paris envia cartas aos populares «Noticias».

Olhe que se a *Montanha* de 19 passa pelas mãos de Xavier, o Carvalho assestará as suas baterias de fogo vivo mais destruidoras que os morteiros de 42, e gritará como um possesso: «O traidor!» «O profano!» «O heresiárca!»

Ele é capaz de tudo, e ainda do resto!...

Inconsequente

Atarefado na sua missão, a proposito de eleições, escreve o *Mundo*, que a *abstenção eleitoral* é um paradoxo num regime parlamentar. Isto se lê em fundo, em artigo subordinado ao titulo *destraz da abstenção*, o que não impede que no mesmo dia, e no mesmo diario, e na mesma página se encontrem *amistosas* palavras a proposito dum artigo publicado no pasquim clerical cá do burgo, que para insulto da liberdade o nome de *Liberdade* tem, no qual se prega a concorrência á urna.

E', porém, já tempo do povo não se deixar ir no bote... remem democráticos ou ciem clericais.

Que vaya él!

O Sr. Eugenio Neto, recém-nomeado escrivão de direito definitivo, mordido pela música da guerra, escreve lampeiro, nos *Ecos de Cantanhede*:

Ontem, eramos nós que, embebidos nas auras da fama, nos oferecíamos para a luta, para as terras de França, para combater ao lado da gloriosa Inglaterra e ao lado dos bravos e heroicos belgas; hoje é ela, a guerra, que nos bate á porta, que nos assalta e que nos invade o território, ameaçando empolgar o nosso dominio colonial.

Agora, sim, portugueses, agora é que é tempo de irmos para a luta, para a frente, para o embate, para a morte, enfim. Fomos atacados em Africa, invadiram o nosso território as forças alemãs; defendamo-lo então, palmo a palmo, como em todos os tempos, o soberano sempre defender os nossos afamados antepassados; e, para o defender, enviem-se, não mil ou dois mil homens, mas, em continente, já dez mil ou vinte mil.

Ora, já que tão perentórias afirmações guerristas o Sr. Gomes Neto subscreve, nós, de *diogenica* lanterna em punho, fomos ali á Biblioteca percorrer, coluna por coluna, as coleções dos *mentideros*, como dizia o outro, em busca do nome de tão preclaro cidadão entre os oferecimentos de voluntarios. Mas tudo foi em balde.

Por mais que rabuscássemos não tivemos a dita de o encontrar, e não sér assinado em *editos* e *anúncios* de arrematações.

No desmantelado, vá lá o termo, jardim de S. Lazaro passamos—e eramos tres—á discutir a incoerência do sobredito cujo, quando um *aguadeiro* na disponibilidade, que nos executava, berrou de forma a que o ouvíssemos bem:

Que vaya él! Sin, que vaya él!

Como eles são

Estamos a 26. O *Mundo*, arquivando para a historia, transcreve da *Republica* o artigo, de Julio Martiñs, *O crime de um republicano*; e bem assim, com o mesmíssimo intuito, o manifesto dos evolucionistas de Coimbra em

que figuram, á mingua dum, dois Péllicos, no qual se condena abertamente o movimento militar.

E vai no mesmo dia, a *Republica*, numa local intitulada *Bom sucesso*, é toda elogios para a solução que o Presidente da Republica deu á crise confiando a chefia do governo ao general Snr. Pimenta de Castro.

E agora, vão lá compreendellos...

Foi chão que deu uvas

Um *habil* jornalista e *abalizado* economista, que na *Republica*, se *dão licença*... colabora escondido sob um mlausculo *a b c*, dava um destes dias forte *quinau* na Camara de Lisboa por esta meter o nariz onde não era chamada. Depois da respeitavel tunda, escrevia:

Nessa ordem de ideias cabe aqui perguntar-lhe o que é que tem feito em todo o periodo do seu exercicio que não é já pequeno? Onde estão esses melhoramentos tão prometidos quando quizeram subir aos degraus onde estão empoleirados? Quais as vantagens para as classes pobres, como por exemplo o balro operario, a diminuição de preço nos géneros alimentícios, a redução de tarifas nos carros de viação acelerada, etc.? Não continua a ser péssimo e caríssimo, a carne com a extinção dos talhos municipais já subiu de preço, o peixe aparece á venda em raríssima quantidade para ser vendido por bom preço, jazendo no T. jo os vapores carregados dessa mercadoria a apodrecer, as hortaliças e legumes não podem ser obtidos em condições razoáveis por causa dos impostos que pagam nos mercados com assentimento da Camara, enfim esta entidade que devia estabelecer uma tabela de preços para as diversas mercadorias, evitando assim muitos abusos, só ou da com o fim de mudar os nomes as ruas e em voltar moções de censura sobre assuntos que não pertencem á sua jurisdicção.

Se justas são e aceitaveis as considerações feitas, muito nos obsequiaria o illustre *a b c* enunciando os transcendentes melhoramentos feitos por qualquer camara evolucionista, que algumas ha por esse país fóra.

Sim, porque isto de arremessar pedras ao telhado do visinho, quando o nosso é de vidro, pode muito naturalmente succeder vir a chover-nos na cama.

Mesmo porque riqueza, fidelidade e sentidade, metade de metade, isto é, semelhante orgão de administração publica, na prática, é o contrario do que se julga em teoria, ou pouco menos.

Ou aquilo não fosse mal... de nascença!

O homem está guerreiro!

Na supra citada, escreve o chefe dos evolucionistas, também conhecidos por lunaticos ou selenitas:

Era, creio eu, o duque de Angoulême quem dizia: Ch'guel a uma idade em que posso ser atraído, mas não enganado.

Afinal, no fundo, isto é uma frase vasia porque toda a tração é engano e não ha engano que não seja tração. O snr. Pimenta de Castro e o snr. Gomes Teixeira tem envergadura para a missão em que estão investidos e é indiscutível a boa vontade que os anima de cumprir em lealdade os compromissos tomados. Bastará, para a boa realização dos seus intentos, que eles, militares, se ponham desde já na posição de *sentido*.

Sentido! Tio Antonio José?

Pois é *vocemecé* que grita sentido a quem está demasiadamente acostumado a mandar por nesta posição os seus inumeros subordinados?

Hoje, vai de sentido; amanhã, irá de perfilar; depois cerrar fileiras, e... *marchel*!

A frase do Duque de Angoulême, bem se pode atribuir a qualquer desaguisado no *ménage* se era nova e bonita a Duqueza; mas o chefe do governo não nos consta que ande de amores seródios.

Que também se andasse, éle deitava-lhe pimenta que aquilo era um ar que lhe dava.

Não faça jus, pois, snr. marechal de partido, ao lugar de ama sêca, que já a estas horas deve estar prometida a qualquer amigo grato.

O valor do parlamentarismo

Da *Noticia*, em 29 de Janeiro: Nunca a acção da *União Republicana* se fez sentir tão fortemente no país como depois que no antro de S. Roque se decretou que ella era um partido morto. Um partido politico não morre porque a sua representação parlamentar seja momentaneamente reduzida ou nula, e porque nas cadeiras do poder se sentem individuos que juraram exterminá-lo; só morre quando perdeu contacto com o povo, isto é, quando as ideias que defende e os processos que preconiza não estão em harmonia com o que sente a nação.

Confissão digna de registro.

E A BELGICA?

O *Germinal* acha que a Bélgica não era só o caminho de passagem do molosso alemão: possui coisas que o dito molosso cubitava. E' bem possível. Também á Inglaterra *convém*, na posição geográfica da Bélgica, um pequeno país neutro.

O que não vemos é como isso influa no facto de ser esta guerra uma luta entre Estados, entre imperialismos satisfeitos e imperialismos famintos, dos quais os revolucionários farão o jogo, se aderirem ou se á luta prestarem nobres intuitos.

O *Germinal* sente-se também com coragem para ficar garante dos Aliados, quanto á não passagem pela Bélgica. Também nos parece que, em face da opinião pública, precisavam mais de parecer provocados e agredidos. A própria Alemanha alega—e o seu povo crê firmemente, na sua maioria—que foi atacada e que os Aliados se preparavam para a esmagar em 1916. Há muitas maneiras de epar o gado—e de tornar uma guerra inevitável, com as suas invasões, matanças e destruições. Sabem-se lá as manobras das diplomacias e das oligarquias politicas e financeiras? Um illustre republicano italiano sustenta que a Itália se preparava para fazer á Austria uma guerra *Angida*, como a de 1866, para salvar os impérios centrais duma derrota definitiva, consolidando ao mesmo tempo a monarchia italiana... Vá lá a gente meter-se nessas embulhadas!

A pequena Bélgica é, sem dúvida, o país onde melhor se explica a resistência ao invasor; mas, repetimos, foi vítima das rivalidades imperialistas—que perduraram enquanto Estados houver.

Os patriotas belgas fizeram bem em resistir (referimo nos, claro está, aos que fizeram de boamente): sempre são preferíveis aos inconscientes apáticos, como os que votam por convicção são preferíveis, para nós, aos eleitores inconscientes ou aos abstencionistas por indiferença e apatia. Se possuissem todos outro ideal, mais elevado e completo, teriam já conquistado coisa que valesse a pena ser defendida contra qualquer invasor... E se o tivesse apenas uma pequena minoria, não lhe faltaria que fazer, sem risco de favorecer o militarismo e o imperialismo. E, decerto a opinião dum camarada belga bem conhecido, Vitor Dave, quando felicitando *Mother Earth* pela sua attitude antiguerista, escreve uma carta amarga de que extrahimos estas passagens: «Não tenho simpatia pelos libertarios cujo filosófico internacionalismo cai no mais grosseiro *chauvinisme* no momento em que é pôsto á prova prática. Pois é possível que tam criminoso canalha como Guilherme II da Alemanha tenha feito voltar a cabeça de tam exalentes homens como Krapótkine, Cherkessoff e outros? Eles sabem, tam bem como nós, que todos os governos são reaccionários, que o capitalismo é por toda a parte sustentado pela reacção, e que nós só temos um grande inimigo a combater—o capitalismo!»

A invasão é uma coisa certíssima para os habitantes da Bélgica e do nordeste da França? Sem dúvida: certíssima coisa é a guerra, com os seus males inevitáveis. Os invadidos da Prússia Oriental e da Galicia não de ser da mesma opinião dos belgas.

Mas outro mal da guerra é que a *coisa*, com o seu fumo e as suas labaredas, escurece de todo a *questão*, já de si incerta. A vítima vê o invasor e a guerra, mas não vê as causas e causadores das guerras e invasões; esquece-se, se algum dia o seube; de que tudo isso o deve ao inimigo de dentro e de fora e não sabe o melhor modo de atacar o mal e evitar que se repita. E' capaz de não ver bem a *questão* mesmo quando tem diante de si esta coisa certíssima: as depredações, violências e vergonhas praticadas na localidade pelos soldados do seu próprio país como lemos na carta fotografada dum *maire*.

Infelizes belgas... Bem infelizes, na verdade! Tiveram o país assolado, serviram de barreira á

França, para lhes succederem coisas como a que nos refere *La Bataille Syndicaliste*: na fábrica nacional de material de artilharia de Saint-Ouen, os mobilizados teem que trabalhar por um salário muito inferior ao dos outros, sob pena de serem mandados para a linha de fogo... No 1.º de Janeiro alguns operários belgas, a meio salário, partiram revoltados, tendo dito que talvez óssem obrigados a voltar para Liège, a trabalhar por conta dos alemães!

Infelizes, infelizes belgas!

Notas Rubras

A Calúnia

Existem creaturas de ruins sentimentos que, a proposito de circunstancias várias, se utilizam dessa abjecta arma que tem o nome de—Calúnia.

Os espiritos fortes costumam desprezar essa manifestação venenosa, afastando-se dos intoxicados...

Que lhes importa que os rafeiros ladrem á lua!...

Porem os temperamentos sensíveis incomodam-se vulgarmente em saber que almas peçonhentas pretendem menosctar o seu caracter. E teem razão! Porque já o disse alguém que «a calúnia é como o carvão: quando não queima, suja.»

«O Sindicalista»

Comemorando o 3.º aniversario desse grandioso movimento grevista de Janeiro de 1912, o *Sindicalista* publicou no ultimo domingo, após algum tempo de suspensão, um suplemento colaborado por dedicados militantes operarios.

No seu artigo de fundo esse jornal lamenta-se da falta de auxilio da parte do proletariado para retomar o seu campo de acção. Diz ele: «Ha seis mezes já que «O Sindicalista» suspendeu, e durante este largo interregno ainda da classe trabalhadora—que neste jornal teve sempre um estremo e ardoroso defensor—não partiu a mais leve tentativa tendente a faze-lo reaparecer»

E' doloroso que o operariado não sustente a sua imprensa, principalmente aquella que a defende esforçadamente das injusticias dos governantes, dos industriaes e dos comerciantes.

Torna-se imperioso que a classe proletaria desperte da inacção em que se encontra e procure abolir, por todos os meios, a situação de miseria em que vive. E deve faze-lo principiando por fazer a reaparecimento do *Sindicalista*, «a aspiração mais cara dos homens que constituem o seu grupo editor.»

Bestialidade humana

Frequentemente se nos deparam nos jornais diversas noticias de atentados ao pudor de menores de tenra idade, cometidas por seres degenerados.

Não ha muitos dias que as gazetas diárias informavam de que um miseravel qualquer havia desflorado trez creanças, contagiando-as de doenças venereas!

Semelhantes feitos merecem toda a nossa indignação, porque revelam actos de animalidade pura.

Oh, a besta humana!...

G. RODRIGUES

Motivo principal

De António José d'Almeida, na *Republica* de 2 do corrente:

Como se sabe, a nossa constituição não permite por nenhuma das suas disposições que o congresso seja dissolvido.

Esta circunstancia, que parece immanente liberal aos legisladores das constituintes, foi uma medida reaccionária e nociva como se têm visto nestes intenos três anos em que a Republica, parlamentarmente, andou, pôde dizer-se á matroca.

Não se fazendo agora, nas primeiras eleições gerais, uma consulta sincera, honrada e justa á opinião do país, cair-se-ia, com toda a probabilidade na situação perigosa e desonesta de entregar para sempre, ou por largo periodo de tempo, os destinos da nação a um partido ou a um grupo com que a mesma nação não sympathizasse e cujos processos repetisse.

Aí está confessado o principal motivo da «barafunda», tal como dissemos no nosso último número.

Coisas historicas

1-1887—Em Barcelona sai o primeiro número dum semanário anarquista com o titulo, *O Produtor*.

2-1912—Cheio de cagaço por causa da greve geral, o Senado portuguez aprova um decreto suspendendo as garantias no distrito de Lisboa por espaço de 30 dias.

3-1884—Sai, em Lião, (França) o primeiro número de *O Desafio*, semanário anarquista.

4-1889—Convencidos de que os americanos se recusavam a conceder-lhes a sua autonomia, os insurrectos filipinos rompem fogo contra eles.

5-1831—O povo de Roma revoltase contra o poder temporal.

6-1903—Os tribunais de Dunquerque (França) condenam a penas de 2 e 3 anos, seis operarios grevistas, considerados como cabeças de motim.

7-1898—Principia em Paris o julgamento de Emilio Zola; é acusado de ofensas ao exército, por defender calorosamente nuns artigos o capitão Drefus.

PELA PAZ

Após Monatté, fazendo eco á Liebknecht lançou Sebastião Faure corajosamente um apêlo aos revolucionários sociais para um esforço combinado em favor da paz. Acto verdadeiramente corajoso numa atmosfera de suspeições e de odios desvairados, em frente dum governo armado de todas as armas, até das que lhe deu a aquiescência de tantos revolucionários. A prova material disso teve-a logo o nosso querido camarada.

Sebastião Faure quis libertar a sua consciencia e entendeu que aos internacionalistas, inimigos das lutas entre povos á instigação, sob a conduta e para interesse dos governos e oligarquias, cabe mais do que a todos a attitude de opposição á chacina. Ou «adversários da guerra em tempo de paz, convertemo-nos em adversários da paz em tempo de guerra?»

Também nos parece que, sejam quais forem as nossas previsões e esperanças, mais ou menos arriscadas, sobre as consequências deste ou daquele desfêcho da conflagração, aliemente-se embora a illusão de, com a guerra entre Estados, garantir magras liberdades, a custo mantidas contra os governos próprios, e esmagar o militarismo e o imperialismo, também nos parece que o nosso papel de internacionalistas, de inimigos do Capitalismo e do Estado, deve ser sempre o mesmo: desligarmos as nossas responsabilidades das dos governantes e senhores, falarmos de paz entre os oprimidos e de guerra aos amos, mantermos as nossas forças, materiais, morais e intellectuais, não enfraquecermos com a contradicção e o abandono a nossa acção e influencia, não inutilizarmos de antemão para a nossa causa as vantagens e occasiões que os acontecimentos possam proporcionar-nos.

Ainda se ao menos fosse desde já seguro o aniquilamento de um dos imperialismos e militarismos em luta! A este proposito, Faure pensa, como Malatesta, que é bem provável o cansaço quase simultâneo dos dois contendores. Pode enganar-se; mas é uma opinião já bastante defendida, até por técnicos militares, e é em todo caso uma previsão como outra...

Em *Le Voix de l'Humanité*, de Lausana, um colaborador, depois de outros, sustenta com bons argumentos que, para chegar ao esmagamento do militarismo alemão, a Inglaterra está a fazer-se um país militarista—sem probabilidade, aliás, de alcançar aquele fim ou de manter o esmagamento por muito tempo. Demais, salvo a entrada de novos factores, «há grandes probabilidades de uma guerra indecisa, terminando pelo esgotamento geral» (número de 23 de Janeiro).

Tantos sacrificios, tantos proletários chacinados, tantas ruínas materiais e morais para afinal ficar talvez tudo como antes e começar novo periodo de militarismo!...